

**REPRESENTAÇÕES E PEDAGOGIAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO
CURTA-METRAGEM *J DE JESUS* (2013): A HETERONORMATIVIDADE
EXPOSTA NO CINEMA DE HORROR DE DENNISON RAMALHO**

*Eixo Temático ET 29 - Pedagogias de Gêneros e Sexualidades em Mídias
e Artefatos Culturais*

Lucas Bitencourt Fortes¹

RESUMO

A partir do campo dos Estudos Culturais, compreendendo a amplitude e as possibilidades do que se entende como educação na contemporaneidade, e pautando-se no uso da etnografia em tela como metodologia, o presente artigo propõe analisar como gênero e sexualidade estão representados e quais pedagogias emergem do curta-metragem *J de Jesus* (2013) do diretor Dennison Ramalho, conhecido por suas produções do gênero de horror. De tal forma, colabora-se para a discussão relativa à representação e às pedagogias a partir das mídias e dos artefatos culturais e, sobretudo, problematiza-se as construções de gênero e sexualidade e suas articulações com o campo religioso na produção de heteronormatividade.

Palavras-chave: Gênero e sexualidade; Representação; Pedagogias culturais; Cinema de horror; Estudos Culturais.

PERCURSO E CONCEITOS NORTEADORES

A partir do campo dos Estudos Culturais, entrelaça-se pesquisas sobre o cinema de horror com pesquisas que discutem questões do corpo, gênero e sexualidade. Compreende-se que esse entrelaçamento corrobora pesquisas que tratam de tais temáticas. Objetiva-se analisar como gênero e sexualidade estão representados e quais pedagogias emergem do curta-metragem de horror *J de Jesus* (2013), produção do diretor Dennison Ramalho. Soma-se a isto a problematização em torno das construções de gênero e sexualidade e suas articulações com o campo religioso na produção de heteronormatividade. Para isso, adota-se a etnografia em tela como metodologia e aciona-

¹ Mestrando do Curso de Educação da Universidade Luterana do Brasil – ULBRA, lucasfortes@rede.ulbra.br;

se os conceitos de: gênero e sexualidade, heteronormatividade, representação, pedagogias culturais e horror.

Os conceitos de gênero e sexualidade são compreendidos como constructos sociais e históricos que ocorrem ao longo da vida de forma contínua, ou seja, não são fixos ou determinados (LOURO, 1997). Compreende-se que as identidades sexuais e de gêneros são profundamente inter-relacionadas, porém não se resumem a mesma coisa. As primeiras se constituem através da forma como os sujeitos vivem suas sexualidades, enquanto as segundas, se constituem através da forma como os sujeitos se identificam.

Em conexão aos conceitos anteriores, a heteronormatividade é conceituada como a ordem social naturalizada. Trata-se de uma matriz heterossexual, um modelo “o qual presume que para os corpos serem coerentes e fazerem sentido (masculino expressa macho, feminino expressa fêmea), é necessário haver um sexo estável, expresso por um gênero estável, que é definido oposicional e hierarquicamente por meio da prática compulsória da heterossexualidade” (BUTLER, 2003, p. 216).

Representação é compreendido como a produção de sentido pela linguagem, isto é, a linguagem implicada como um sistema representacional, que ocorre a partir de signos e símbolos (HALL, 2016). Assim, produções cinematográficas, a partir de sua linguagem e particularidades, produzirão e difundirão representações.

As pedagogias culturais são compreendidas como práticas culturais, que através de um conjunto de práticas, sejam elas visuais, verbais e/ou textuais objetiva discutir os processos através dos quais as pessoas compreendem a si mesmas, as outras pessoas e o ambiente na qual estão inseridas (GIROUX, 2013). Isto é, as pedagogias se atualizam constantemente e estão presentes em lugares além dos espaços educacionais tradicionais.

Por fim, horror é compreendido como gênero cinematográfico, e está relacionado aos efeitos emocionais causados ao público, justamente o afeto do horror. No caso de um filme, ele enquadra-se no gênero quando provoca o respectivo afeto, sendo esta sua marca de identidade. Somado a isto, é necessária a quebra da normalidade, do que se entende como mundo natural ou normal. Para isso, a figura do monstro é necessária (CARROLL, 1999).

A partir destas noções introdutórias, e da análise do curta-metragem selecionado, pensa-se as problemáticas referentes a imposição da heteronormatividade na sociedade contemporânea.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

METODOLOGIA E ARTEFATO CULTURAL

Entende-se que a etnografia em tela é uma metodologia capaz de exemplificar e nortear a discussão. Em virtude de possibilitar que perceba-se isoladamente elementos não perceptíveis na totalidade da produção, ao mesmo tempo que oferece uma imersão etnográfica através da confecção e uso do caderno de campo (BALESTRIN, 2011). Por tratar-se de um curta-metragem, considera-se ferramentas próprias da linguagem cinematográfica, buscando perceber movimentos de câmera, composição de planos e cenários, escolhas relativas à narrativa, música e uso da luz, por exemplo (AUMONT, 1993).

Selecionou-se o curta-metragem *J de Jesus* (2013) considerando seu gênero cinematográfico e o enredo. Além disso, seu diretor, Dennison Ramalho, encontra-se como um dos principais nomes do horror brasileiro na atualidade. Seu enredo aborda a polêmica relação de envolvimento da religião na sexualidade das pessoas. A história mostra um homem homossexual que é torturado por pastores, a mando de seu próprio pai, com finalidade de expulsar um suposto demônio. *J de Jesus* (2013) faz parte de um projeto denominado *ABC da Morte 2* (2013), que reuniu um total de 26 diretores de diversas nacionalidades. Cada um recebeu um orçamento, uma letra do alfabeto e liberdade para produzir um segmento (GONÇALVES, 2013).

A produção foi influenciada pela proposta de autoria do deputado federal João Campos, na época filiado ao PSDB, e engajada pelo deputado federal Marco Feliciano, na época filiado ao PSC e presidente da *Comissão de Direitos Humanos* (CDH) da Câmara dos Deputados. A proposta, que ficou conhecida como “Cura Gay”, permitia que psicólogos atuassem em casos de homossexuais que desejassem passar por tratamento em conta de sua orientação sexual, revogando assim resolução do *Conselho Federal de Psicologia* (CFP) e contrariando a *Organização Mundial de Saúde* (OMS) (TORRES, 2013). Conforme Dennison Ramalho, naquele momento ele estava “completamente ultrajado com as declarações do Marco Feliciano” (RAMALHO, 2019).

A produção foi assistida inicialmente para fins de interação com o enredo, para posteriormente ser assistida recorrentemente com os devidos registros no caderno de campo, momento em que selecionou-se determinados recortes que possibilitassem exemplificar e nortear a discussão proposta.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

DAS REPRESENTAÇÕES E PEDAGOGIAS

Nos primeiros minutos se tem em cena a representação da vigilância que se tem em torno dos indivíduos que fogem à heteronormatividade (*Figura 1*). É dia, e um homem desconhecido fotografa em um parque um casal de homens que se beijam. Várias fotos são tiradas enquanto o homem expressa um olhar de preocupação. Possibilita-se pensar as formas de vigilância e controle que se mantêm nas sociedades atuais, considerando que ampliaram-se e diversificaram-se as formas de regulação, assim como multiplicaram-se as instâncias e as instituições que se autorizam a ditar normas (LOURO, 2008). Destaca-se que dentre as instituições sociais que atuam de forma significativa para o controle heteronormativo se tem as religiões, por meio de seus discursos e práticas (PINHO, PULCINO, 2016). Essa compreensão é pertinente em conta do que se segue.

Figura 1 – Vigilância e regulação



Fonte: J DE JESUS, 2013.

Fica subentendido na cena posterior que o homem foi contratado pelo pai de um dos homens que se beijavam. A finalidade consistia em vigiar e constatar se seu filho era homossexual. A partir disso, o pai orchestra o sequestro de seu filho para a realização de um exorcismo. As cenas a seguir representam a religiosidade e sua articulação no tocante às construções de gênero e sexualidade (*Figura 2*). Nelas, dois pastores (um deles o fotógrafo do início) praticam uma sessão de exorcismo no homem sequestrado, contudo, o exorcismo não resume-se às falas dos pastores, soma-se a elas uma série de atos violentos, que são observadas pelo homem com um semblante de perplexidade e medo. Nesse momento também descobre que seu companheiro foi assassinado. Os pastores remetem ao segmento evangélico, o que possibilita pensar que as orientações, ou normas, provêm de campos consagrados e tradicionalmente reconhecidos por sua autoridade (LOURO, 2008).

Destaca-se que as religiões cristãs são portadoras de uma tradição moral que por si condena o que é contrário à heterossexualidade. Isso ocorre, pois, acompanhada da produção da heterossexualidade se tem a rejeição da homossexualidade, expressada na homofobia, seja declarada ou disfarçada (PINHO, PULCINO, 2016). Percebe-se que ao produzir a desestabilização de supostas verdades, no tocante a contradizer a heteronormatividade, setores tradicionais podem renovar-se e recrudescer seus ataques, “realizando desde campanhas de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de agressão e violência física” (LOURO, 2008, p. 21).

Figura 2 - Exorcismo



Fonte: J DE JESUS, 2013

O monstro é figura necessária em uma produção de horror, e em *J de Jesus* (2013) o diretor o utiliza de forma interessante. Se aos olhos dos pastores o homem está possuído, aos olhos do homem os pastores são os demônios, e isso é evidente a partir da transformação pela qual eles passam quando vistos através dos olhos do homem. De tal forma, há a representação da monstruosidade oculta, por vezes evidente, no discurso heteronormativo (*Figura 3*).

Compreende-se que o monstro quebra as normas, ele é encarado como uma perturbação na ordem natural, logo, refere-se a um anormal. De tal forma, sua existência não pode ser compreendida como aceitável (CARROLL, 1999) criando ansiedade e repulsa, com o sujeito tido como normal buscando suprimir ou apartar-se dele (DOUGLAS, 1991). Isso explica a repulsa dos pastores contra o homem. “Aqueles e aquelas que transgridem as fronteiras de gênero ou de sexualidade, que as atravessam ou que, de algum modo, embaralham e confundem os sinais considerados ‘próprios’ de cada um desses territórios são marcados como sujeitos diferentes e desviantes” (LOURO, 2004, p. 84), ou no caso da produção, como monstros. O diretor vai além dessa questão, problematizando-a, fazendo com que se questione quem de fato é o monstro.



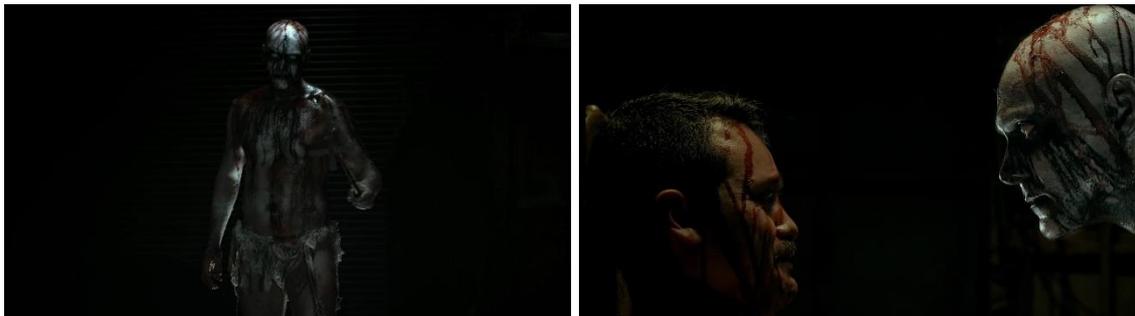
Fonte: J DE JESUS, 2013.

Essa problematização ocorre mais de uma vez. Em outro momento se tem a aparição do homem que fora assassinado, na forma agora de um espírito vingativo. Apesar de ser um monstro, já que trata-se do espírito de alguém morto que quebra a ordem natural vindo atormentar os vivos, sua figura funciona também como um herói que retorna da morte para salvar o homem em meio a toda aquela violência. Além disso, considera-se que há a representação da resistência frente a ordem heteronormativa (Figura 4). É pertinente a noção de que ao mesmo tempo em que se impõe a heteronormatividade, abre-se espaço para transgressões e subversões (LOURO, 2004).

A aparição deste espírito vingativo, ou justiceiro, evidencia que as diferenças estão ali presentes. Como pontua Louro:

Não há como esquecê-los. Suas escolhas, suas formas e seus destinos passam a marcar a fronteira e o limite, indicam o espaço que não deve ser atravessado. Mais do que isso, ao ousarem se construir como sujeitos de gênero e de sexualidade precisamente nesses espaços, na resistência e na subversão das 'normas regulatórias', eles e elas parecem expor, com maior clareza e evidência, como essas normas são feitas e mantidas (LOURO, 2004, p. 18).

A figura monstruosa exemplifica uma resistência “a qualquer classificação construída com base em uma hierarquia ou em uma oposição meramente binária, exigindo, em vez disso, um ‘sistema’ que permita a polifonia, a reação mista (diferença na mesmidade, repulsão na atração) e a resistência à integração” (COHEN, 2000, p. 31). No caso, resistência frente a heteronormatividade.



Fonte: *J DE JESUS*, 2013.

De modo geral, as representações em *J de Jesus* (2013) evidenciam que gênero e sexualidade estão em constante vigilância e regulação, estas fundamentadas e norteadas pela heteronormatividade. Em casos mais extremos encontram-se inclusive sujeitas à violência por não enquadrarem-se dentro da norma. Representa-se o quanto a religião, como instituição, formenta a continuidade de suspostas verdades e influencia no modo como os indivíduos encaram as diferenças. Percebe-se a representação do potencial de resistência, ou ainda, de subversão e resistência às normas impostas.

No tocante às pedagogias presentes, possibilita-se que se compreenda os perigos da imposição da heteronormatividade e como instituições articulam-se com ela. Em vista da forte presença e influência da matriz judaico-cristã na sociedade brasileira, reflete-se sobre nossa sociedade, como estamos inseridos nela e como nos comportamos frente a determinadas questões, ou imposições. Problematiza-se o que é ser normal ou diferente, assim, possibilita-se que se aprenda a lidar com outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, aponta-se para o fato de como diferentes artefatos culturais, no caso analisado uma produção de horror, carregam o potencial de representar e de produzir ensinamentos a cerca das mais diversas temáticas. Sobretudo, destaca-se a necessidade de pensar e ampliar o debate quanto a diversidade no tocante a gênero e sexualidade.

REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques. *A imagem*. Trad. Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1993.

- BALESTRIN, Patrícia A. O corpo rifado. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre. Orientadora: Guacira Lopes Louro, 2011.
- BUTLER, Judith P. Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade. Trad: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARROLL, Noel. Filosofia do horror ou paradoxos do coração. Trad: Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1999.
- COHEN, Jeffrey J. A cultura dos monstros: sete teses. P. 23-60. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). Pedagogias dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- DOUGLAS, Mary. Pureza e Perigo: ensaio sobre a noção de poluição e tabu. Trad: Sônia Pereira da Silva. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1991.
- GIROUX, Henry A. Praticando Estudos Culturais nas faculdades de educação. P. 83-100. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Alienígenas na Sala de Aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. 11ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- GONÇALVES, Alex. O ABC da Morte. Publicado em: 07 de outubro de 2013. Disponível em: <<https://cenasdecinema.com/o-abc-da-morte/>>. Acesso em: 09 de maio de 2022.
- HALL, Stuart. Cultura e Representação. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- J DE JESUS. Direção: Dennison Ramalho. In: O ABC da Morte 2. EUA/Nova Zelândia/Canadá/Israel/Japão, 2013, 125min.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- _____. Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- _____. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. In: Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008. P. 17-23.
- PINHO, Raquel; PULCINO, Rachel. Desfazendo os nós heteronormativos da escola: contribuições dos estudos culturais e dos movimentos LGBTTTT. In: Educ. Pesqui., São Paulo, v.42, n. 3, p. 665-680, jul./set. 2016
- RAMALHO, Dennison. Dennison Ramalho discute a crítica social no cinema de horror. Entrevista concedida a: Rodolfo Stancki. Publicado em: 03 de abril de 2019. Disponível em: <<http://www.aescotilha.com.br/cinema-tv/espanto/entrevista-dennison-ramalho->



comenta-seu-novo-filme-morto-nao-fala-e-discute-a-critica-social-no-cinema-de-horror/>. Acesso em: 09 de setembro de 2021.

TORRES, Rodolfo. CDH aprova projeto que permite a “Cura Gay”. Publicado em: 18 de junho de 2013. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/cdh-aprova-projeto-que-permite-a-%e2%80%9ccura-gay%e2%80%9d/>>. Acesso em: 09 de maio de 2022.